

# A MISSÃO DO ALUNO CENECISTA: A COLETÂNEA CENECISTA E A DISCIPLINARIZAÇÃO DOS CORPOS PELA VIA DA ESCRITA INSTITUCIONAL DA CNEC

Arthur Rodrigues de Lima<sup>1</sup>

## RESUMO

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade foi fundada no ano de 1943 na cidade de Recife Pernambuco por um grupo de estudantes que cursavam o pré-jurídico, entre eles, o professor Felipe Tiago Gomes, a campanha se difundiu por diversos Estados da Federação defendendo os preceitos da democratização do Ensino Básico e de uma educação de qualidade para os mais pobres. O objetivo de nosso trabalho é refletir sobre como a CNEC se entregou a um exercício de escrita de si institucional que visava produzir uma memória histórica sobre si, atrelada a necessidade de difundir e reafirmar seus postulados educacionais, principalmente para os alunos que faziam parte da Rede. Para tanto, após uma discussão sobre as condições de produção da Coletânea nos dedicamos a uma reflexão da sessão O aluno Cenecista, Soldado da CNEC, buscando analisar os direitos e deveres ligados a consolidação de dada identidade pretendida para os alunos cenecista pela rede. Para tanto, são fundamentais em nossa pesquisa as reflexões de Michel Foucault em torno dos conceitos de discurso e escrita de si, como também as discussões em torno do conceito de cultura escolar.

## PALAVRAS-CHAVE

Coletânea Cenecista; Felipe Tiago Gomes; História da CNEC; História da Educação

## ABSTRACT

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade was founded in 1943 in the city of Recife Pernambuco by a group of students studying the pre-legal, among them, professor Felipe Tiago Gomes, the campaign was spread by several States of the Federation defending the precepts of the democratization of Basic Education and a quality education for the poorest. The purpose of our work is to reflect on how the CNEC gave itself to an exercise of institutional writing that aimed to produce a historical memory about itself, coupled with the need to disseminate and reaffirm its educational postulates, especially for students who were part of the Network. To do so, after a discussion about the production conditions of the Collective we devote ourselves to a reflection of the session The student Cenecista, Soldado of the CNEC, seeking to analyze the rights and duties linked to the consolidation of given identity intended for the students cenecista by the network. For this, we are fundamental in our research the reflections of Michel Foucault around the concepts of discourse and self-writing, as well as the discussions around the concept of school culture.

## KEYWORDS

Collection Cenecista; Felipe Tiago Gomes; History of CNEC; History of Education

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade foi fundada pelo

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

professor Felipe Tiago Gomes e um conjunto de alunos da Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1943. Motivados pelo movimento do “Entusiasmo pela Educação”<sup>2</sup> e inspirados na experiência desenvolvida por Haya de la Torre que se dedicou a alfabetização das comunidades nativas no Peru, os fundadores da CNEC acreditavam em uma sociedade que seria transformada pelo poder da educação. Vivendo um contexto social de extrema desigualdade, onde a educação era praticamente um artigo de luxo destinado as famílias aristocráticas que poderiam manter seus filhos em uma escola privada, Felipe Tiago e seus “discípulos”, defendiam a democratização do Ensino. Para isso se dedicaram a luta pela implantação de diversos ginásios e unidades educacionais da Campanha nos diversos Estados do país.

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade defendia a filosofia da implantação de escolas comunitárias, mantidas pelas próprias localidades onde eram instaladas, que atendessem principalmente ao público mais carente, que não tinha condições de frequentar institutos privados e sofriam com a escassez de instituições públicas de ensino. Na maioria das vezes era cobrada uma quantia simbólica de cada aluno para manutenção da unidade. Seus professores eram pessoas da própria comunidade, desse modo, a CNEC conseguiu grande inserção nas localidades interioranas do país e logo passou a ser vista por representantes dos poderes públicos, não só como uma forma mais imediata de atuar na democratização do ensino público, como também de converter as ajudas oferecidas a CNEC por meio de emendas parlamentares e projetos de lei em capital eleitoral. Sobre o lema presente na Coletânea: “ajuda-me que te ajudarei” (COLETÂNEA CENEISTA, 1994).

Todavia, para o professor Felipe Tiago, que será visto enquanto um messias a retirar o povo da ignorância, um Moisés, que ao conduzir os sedentos de saber pelo caminho do conhecimento os levará das “Trevas à Luz”, tal qual um verdadeiro messias enviado do senhor para redimir os pobres e os fracos (COLETÂNEA CENECISTA, 1994), não adiantava unicamente criar ginásios pelo Brasil afora, era necessário doutrinar, gerar novos discípulos e missionários que fariam com que a “Boa Nova” da CNEC e a filosofia Cenecista fossem difundidas pelos quatro pontos do país.

Desse modo era de substancial importância tornar a CNEC conhe-

---

2 O Movimento do Entusiasmo pela Educação ou otimismo pedagógico se deu em grande medida entre as décadas de 20 e 30, ligado diretamente ao contexto de inúmeras reformas educacionais influenciadas pelos postulados da Escola Nova e pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação.

cida, arrebanhar seguidores e erigir “Novos Templos de Saber”. Diante disso, ancorados nos postulados da História Cultural da Educação, pretendemos tecer nas próximas páginas reflexões em torno do exercício de escrita institucional da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, buscando problematizar a Coletânea Cenecista, em especial a sessão dedicada aos alunos, definidos como “bons soldados da CNEC”, através de um manual de condutas destinado a moldar as maneiras de ser e fazer dos alunos da Rede, com o intuito de imbuí-los do idealismo e do verdadeiro Espírito Cenecista.

Assim como qualquer instituição, a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, também se dedicou ao que Michel Foucault (1997) denomina de “Técnicas de si”, ou seja, todos os procedimentos, pressupostos ou preceitos que visam edificar identidades, fixá-las, mantê-las ou transformá-las em função dos jogos de poder/saber nos quais as instituições estão mergulhadas, graças às relações de domínio de si sobre si, como também de domínio de si sobre os outros. Como esses conselhos de conduta estiveram ligados a produção discursiva da Rede sobre si mesma, preocupada em atuar como uma forma de governo sobre todos aqueles que compunham a Campanha pelo país.

Como esses esquemas ligados a imagem do “bom aluno cenecista, vocacionado a guerra contra a injustiça e a defesa da educação”, foram definidos, valorizados, recomendados e impostos na Coletânea Cenecista. Logo, nossa análise pretende percorrer esse exercício de escrita de si institucional da Rede sem nos preocuparmos necessariamente com a apropriação por parte dos alunos e das diversas comunidades que faziam o Sistema de Ensino CNEC desses postulados, mas sim, inculcarmos as intencionalidades e pretensões dos órgãos dirigentes da CNEC em produzirem essas escritas laudatórias e apologéticas sobre si e propagarem simbolicamente e materialmente esses discursos.

Destarte, para Michel Foucault (2014, p.41-42):

todo sistema educacional é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que eles trazem sobre si. [...]O que é afinal um sistema educacional de ensino senão uma ritualização da palavra e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam, senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso, senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?

Portanto, como a Coletânea Cenecista esteve ligada a uma concep-

ção quase que religiosa de discursos que pretendiam catequizar e doutrinar, formar tal qual a filosofia defendida pela CNEC seus alunos e professores e demais membros que faziam parte desse sistema educacional.

### **FOI EDITADA A BÍBLIA DO CENECISMO**

No Ano de 1994 a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade comemorava 51 anos de fundação, todavia não eram tempos fáceis para a Campanha, com o processo de redemocratização vivido no Brasil pós 1985, como também com o processo de universalização do Ensino Público, a CNEC perdia espaço, as verbas de origem do poder público já não eram tão frequentes, inúmeros estabelecimentos da Rede fechavam as portas por inviabilidade econômica, a CNEC que sempre funcionou como “escola da comunidade”, agora se entregava ao Espírito da Escola Privada, cada vez mais, adquirindo status de escola privada, o boom de abertura de estabelecimentos, vivido entre os anos 60 e 70, se mostrava longe pelo decréscimo da presença da Rede nos diversos estados do país.

Diante de tal realidade, a Editora Cenecista, sediada na capital federal sentiu-se motivada, sob a tutela de Felipe Tiago Gomes, fundador da Rede, como também de Sebastião Garcia, secretário Geral da CNEC, em publicar um compêndio de diversos escritos que até então haviam sido publicados sobre a Campanha por ex-alunos, ex-professores e pessoas que durante algum tempo exerceram cargos de gestão na Rede pelo país. Assim a Coletânea é apresentada no parágrafo inicial de seu prefácio:

A Bíblia do Cenecismo acaba de ser editada! Semelhante no conteúdo e na forma: velho e novo testamento. Um documento que retrata no tempo e no espaço a caminhada de um povo escolhido por Deus para tirar milhares de jovens brasileiros do cativeiro do espírito (COLETÂNEA CENECISTA, VOL II, p.205).

Ante tais postulados, escrevendo sobre si, a CNEC proclamava que seu escrito mais importante, sagrado tal qual a bíblia para o cristianismo, acabava de ser publicado. Agora o Cenecismo também era uma religião do livro e como tal, deveria promover a catequese de seus filhos que perante as novas condições políticas e econômicas distanciavam-se dos ideias originários que gestaram a Rede, principalmente seus alunos, que em muito já não conheciam ou valorizavam a história da Rede de acordo com as pretensões da Editora Cenecista

em lançar a Coletânea no ano de 1994. Como um exercício de escrita de si, a CNEC pretendia erigir lugares de memória, marcar lugares, nomes, pessoas que foram fundamentais para a organização e consolidação da Campanha pelo país como também de relegar os fatos em sua concepção menos importantes de sua história.

O que observamos na Coletânea é um verdadeiro esforço de afirmação identitária, a CNEC queria reafirmar sua história, de uma instituição que pretendia remar contra a maré de instituições outras ligadas unicamente aos fins do mercado, queria afirmar sua modernidade pedagógica como o maior movimento educacional da América Latina (COLETÂNEA CENECISTA, 1974) seus professores eram vistos como missionários, apóstolos do saber, enviados pelo messias Felipe Tiago Gomes, a propagarem a Boa Notícia da Rede aos pobres e oprimidos, sedentos de saber, o Evangelho da CNEC deveria ser pregado, pelo bem da religião Cenecista.

A professora Vivian Galdino Andrade em sua tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba em 2014, intitulada *Alfabetizando os Filhos da Rainha* aponta como a Figura do Tenente Alfredo Dantas, fundador do Instituto Pedagógico em Campina Grande era exaltada e colocada de forma apologética num exercício de afirmação institucional do Instituto Pedagógico pelo *Jornal Evolução* publicado pela própria escola, desse modo a pesquisadora coloca o seguinte:

esse status elaborado para o diretor, de “operoso” e com “um labor que se aferra”, promovia a instituição e induzia um sentimento de identificação, a afetividade de pertencimento à escola. Publicações como essas tinham a intenção de levar os/as discentes a uma admiração incomensurável para com o tenente, este que, insistia em ressaltar nos impressos que o que o moviam não eram as questões financeiras, mas o gosto pelas letras e pela distribuição do saber (ANDRADE, 2014, p.52).

Movimento semelhante foi promovido pela CNEC através da publicação da Coletânea Cenecista, mesmo que estejamos falando de contextos históricos-sociais diferentes, dado que a publicação da Coletânea Cenecista se deu no ano de 1994 a o auge da *Jornal Evolução* publicado pelo Instituto Pedagógico em Campina Grande, hoje Colégio Alfredo Dantas, se deu nos anos de 20 e 30. Todavia, podemos perceber como os escritos da própria instituição escolar

podem se configurar em importantes fontes para o estudo das culturas escolares e das práticas educativas pretendidas por tais instituições, essas se dedicam costumeiramente a produção de técnicas de si, ligadas a formação e moldagem de dadas subjetividades.

Tal qual o livro do Êxodo retrata a caminhada do povo de Deus que caminhava rumo a uma Terra Prometida onde corria leite e mel (Ex, 3,8), a Coletânea Cenequista busca retratar a caminhada vivida pelos diversos membros que fazem parte da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, os quatro volumes da Coletânea representam na visão de seus editores um chamamento ao ideal cenequista e foi resultado dessa trajetória de lutas e conquistas. Vivendo um momento de difícil transição em sua composição a CNEC através das palavras de Felipe Tiago Gomes, como o bom pastor que cuida de suas ovelhas (Jo 10,14), pretendia com seu chamado fazer com que as ovelhas ao ouvirem sua voz voltassem ao redil e não se afastassem de sua filosofia primeira. O Evangelho da CNEC fazia assim um convite:

Venham partilhar conosco desta aventura maravilhosa e emocionante, como a narrativa bíblica, para conhecer os apóstolos do cenecismo, a sua doutrina, os milhares de templos que construíram pelo Brasil afora, a fim de compreender o quanto é possível a um povo fazer quando acredita na proposta, na doutrina e nos pregadores (COLETÂNEA CENEQUISTA, 1994, p.205).

Portanto para além de um convite, a Coletânea Cenequista pretendia docilizar, inscrever, incutir um sentimento de dever, do fazer parte, enquanto membro da comunidade escolar cenequista devo ouvir, sentir e acatar a voz do pastor para que o corpo não padeça e a Rede possa seguir firme na defesa de seus ideais. A CNEC que se encontrava cada vez mais, carente dos recursos públicos, buscava assim reforçar sua postura enquanto uma instituição filantrópica visando desse modo, viabilizar junto aos poderes públicos recursos financeiros para sua manutenção e para isso era fundamental que seus membros compreendessem que não faziam parte de uma instituição privada, mas sim de uma grande obra missionária que tentava levar mais justiça e paz, a CNEC era uma “verdadeira lição de amor”. Com isso não queremos desmerecer o trabalho realizado pela CNEC em diversas regiões carentes do Brasil, porém é necessário refletirmos sobre as intencionalidades e os jogos envolvidos na produção dos discursos, dado que como coloca Michel Foucault nem uma fala é livre de intenções, visto que:

Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa (FOUCAULT, 2014,p.20).

A coletânea *Cenecista* acabou por funcionar como uma espécie de autobiografia da CNEC, quando a Campanha resolveu escrever sobre si, afirmar sua identidade em um momento de negação pela qual passava. Como uma boa narrativa edificou heróis, santos, dignos de testemunho e exemplos a serem seguidos, como o próprio Felipe Tiago Gomes, que saindo de uma pequena comunidade na zona rural de Picuí na Paraíba conseguiu desbravar os desafios da cidade grande e estruturar um movimento educacional, essas histórias não podem ser esquecidas, “os pés picados por espinhos impiedosos” não podem ser esquecidos, suas marcas não podem ser apagadas e a caminhada não pode ter sido em vão.

Desse modo, como uma boa autobiografia, a *Coletânea Cenecista* enquanto um exercício de escrita de si institucional, busca apresentar uma narrativa concisa, colocando a história da CNEC como uma história absoluta, um drama com final feliz, quase que pela determinação de seus fiéis seguidores outra história não fosse possível ser contada, tendo o objetivo primordial de lembrar os esquecidos que a luta continua, que é necessário dar prosseguimento ao legado da Rede e que sua nova hagiografia está nas mãos dos inúmeros alunos que estudam nos seus diversos templos erigidos pelo Brasil.

### **SOU ALUNO DA CNEC: O QUE DEVO SABER?**

Entre os livros selecionados para constituírem a *Coletânea Cenecista* está os escritos de João Calisto de Medeiros intitulado *O aluno Cenecista, Soldado da CNEC*, no prefácio do segundo volume cujo qual o livro de João Calisto integra encontramos a seguinte referência:

O aluno Cenecista, Soldado da CNEC, de João Calisto de Medeiros, é uma exposição didática e necessária sobre aspectos estruturais da CNEC. Fala de direitos e deveres do aluno cenecista, ensina a pensar CNEC, contém informações também históricas, ajuda a formar a consciência do cidadão brasileiro, com visão de sua realidade (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.204).

Quais os objetivos da CNEC em promover um escrito que aborde

os deveres e os direitos do aluno Cenecista? Quais os objetivos da CNEC em abordar a formação do cidadão e de que cidadão estamos falando? De fato, para a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade os alunos só saberiam valorizar sua escola e lutar por sua manutenção se fossem imbuídos do Espírito Cenecista, se soubessem o valor de sua história e da importância da CNEC enquanto movimento educacional, a Rede estava preocupada em gestar consciências preocupadas com a defesa do civismo, do patriotismo e dos valores da família que encontravam-se em estado de diluição, tais elementos se configuravam enquanto conceitos-chaves da dita Filosofia Cenecista ou do Cenecismo.

A CNEC através da inserção dos escritos de João Calisto em sua Coletânea buscava apresentar elementos que nos fazem refletir diretamente sobre aquilo que Dominique Julia (2001) denominou de Cultura Escolar, como sendo um conjunto de normas e conhecimentos a inculcar, práticas determinadas por dadas condições históricas, a cultura escolar seria gestada pelas culturas que a cercam como a cultura religiosa, a cultura política e demais elementos constituintes da sociedade, desse modo, ao chamar os alunos cenecistas de soldados da CNEC e ao afirmar que: “é imprescindível que o aluno Cenecista seja – Um soldado da CNEC” (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.289), João Calisto de Medeiros como ex-aluno e ex-gestor de uma unidade cenecista pretendia incutir nos alunos o desejo de darem continuidade ao seu legado e reafirmarem suas crenças, a identidade de um aluno cenecista era definida e pré-determinada por características-chaves que tornavam os alunos cenecistas diferentes de outros alunos, eles na verdade faziam parte de um povo eleito, liderados em seu êxodo por Felipe Tiago Gomes.

Todavia para legitimar seu discurso não bastava para os editores da Coletânea apresentarem os postulados ideológicos da CNEC, era fundamental que os alunos acreditassem e professassem a fé nesses postulados, para isso eles deveriam ter alguma inspiração, como toda religião, seus escritos são inspirados por uma divindade, no Cenecismo Felipe Tiago Gomes ocupa esse posto, na abertura da sessão dedicada aos alunos cenecistas como um manual de conduta ou de conselhos morais para o aluno Cenecista, os editores colocaram uma nota de Felipe Tiago Gomes, destinada ao autor de *O aluno Cenecista: Soldado da CNEC*, cuja a qual afirmava a importância do escrito:

Prezado companheiro João Calisto de Medeiros, o seu trabalho *O aluno Cenecista Soldado da CNEC* é completo. Merece ser distri-



buído na rede escolar da nossa Campanha, como mais um estímulo à implantação plena da filosofia do movimento. Os nossos alunos são os futuros dirigentes das nossas escolas e, como tais, devem ser bem assistidos agora, para que as novas lideranças possam surgir fortes e seguras. Saudações Cenecistas. Felipe Tiago Gomes, “Superintendente” (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.288).

Desse modo, observamos a preocupação por parte da Campanha da necessidade de seus postulados serem difundidos e que pudessem formar verdadeiras consciências defensoras e combatentes da causa cenecista, o legado da CNEC era apresentado como imorredouro e deveria ser passado de geração em geração, sempre a luz das orientações e do testemunho de Felipe Tiago Gomes e seus seguidores, a bíblia do Cenecismo foi editada e cabia aos diversos discípulos espalhados nas inúmeras unidades da Campanha pelo Brasil, realizarem sua catequese.

Aos alunos cabia conhecerem esses conceitos e fazerem com que tais concepções existissem para além dos muros da escola, a CNEC em seu ideal de educação objetivava configurar uma verdadeira cultura educacional (PINHEIRO, 2007), que estaria para além dos portões de suas unidades educacionais, todavia não é nossa pretensão nessas páginas refletir sobre as possíveis apropriações e ressignificações desses discursos, mais sim, apresentarmos e problematizarmos as aspirações da Editora Cenecista e de seu corpo editorial ao lançarem a Coletânea Cenecista e a distribuírem nas unidades da Rede enquanto um dispositivo de afirmação e elaboração identitária, para tanto *O Aluno Cenecista Soldado da CNEC* traz alguns conceitos, fundamentais na filosofia cenecista que passaremos a discutir.

As páginas escritas por Calisto foram protocoladas ante a Rede como um caderno de ações para os professores que integravam a Campanha com o objetivo de: “criarem no aluno Cenecista, a consciência das virtualidades de nosso movimento, o sentimento altruísta e patriótico para que seja, de fato, um Soldado da CNEC” (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.290). Durante o regime civil militar, a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, contou com a presença em seu quadro gestor, tanto nas diretorias estaduais como na diretoria nacional de vários sujeitos ligados ao Exército, a Campanha teve em seus quadros administrativos personalidades políticas ligadas aos militares e com o auge da publicação da LDB em 71, convocou um Congresso no intuito de ajus-

tar as concepções educacionais da Rede, aos postulados ideológicos do Regime, desse modo, ao nos depararmos com conceitos como civismo, patriotismo e a própria terminologia bélica ao tratar os alunos enquanto soldados, devemos perceber os resquícios da política educacional do Regime Civil-militar no discurso produzidos pela CNEC.

O aluno cenecista deveria dominar assuntos referentes ao patriotismo e ao civismo, não somente dominar, mas era necessário ser patriótico, a causa educacional da CNEC era patriótica, a luta pela democratização do ensino e em defesa da escola da comunidade postulava enquanto irrevogável, defender tais valores era de substancial importância. Desse modo, a Rede produziu hinos, canções, bandeiras, elementos imagéticos que visavam consolidar tal imagem ritualística e tocar a alma dos seus seguidores os levando a conversão no cenecismo. A missão do aluno Cenecista se apresentava enquanto doação total a causa da pátria, dado que: “à Pátria tudo se dá, nada se pede” (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, 291).

O chamamento anunciado aos alunos cenecistas era que “fizessem suas vidas com as próprias mãos”, que em suas comunidades fossem transformadores da realidade, geradores de mudanças, de acordo com os postulados da Rede, para isso eles teriam um roteiro de ícones imortais a seguirem, tanto os ícones nacionais como Castro Alves, que cedeu o nome ao primeiro ginásio da Campanha, o Ginásio Castro Alves inaugurado em Recife em 1943, como Tiradentes, Antônio Conselheiro, e os próprios ícones da Campanha, figuras imponentes que haviam oferecido suas próprias vidas em-pró da educação: Joel Pontes, o Almirante Benjamin Sodré, Alcides Carneiro, Leá Bandeira, Sarah Kubitschek, que em algum momento haviam exercido papéis proeminentes na história da CNEC como também o exemplo maior, a personificação de Cristo na história da Campanha, Felipe Tiago Gomes, “que fez de sua vida a campanha, e com ela tornou-se um só”. Seguindo os passos dessas figuras, os alunos da CNEC não se perderiam e fariam com que inúmeros outros cenecistas florescessem pelo Brasil, cabia aos professores, missionários dessa causa, doutrinar, fazerem a filosofia Cenecista Conhecida.

De acordo com a Coletânea Cenecista ao aluno Cenecista cabia saber o que é a CNEC e seus traços históricos, como a Campanha estava organizada em suas esferas municipais, estaduais e feral, os postulados básicos do Cenecismo e da filosofia Cenecista, os deveres de um bom combatente cenecista,

o que era e como se configurava uma escola da comunidade, e o próprio estudo do nome da entidade, por que se chamar Campanha Nacional de Escolas da Comunidade? Tais elementos fariam com que o aluno entendesse que a educação é feita de maneira global, com processos que vão para além dos muros da escola, que compreendessem que não eram apenas algoritmos no processo de constituição da CNEC, mas era neles e por eles que a Campanha era posta a viver (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.294).

Desse modo, mesmo sendo o receptor das benesses produzidas pela Campanha, os alunos cenecistas deveriam se diferenciar dos alunos de outros sistemas educacionais, ser aluno cenecista, era estar irmanado com o compromisso de transformação social e de manutenção das escolas em suas comunidades. O aluno cenecista tinha direitos e deveres, entre os deveres estava, de acordo com os postulados apresentados na Coletânea:

Temos nossa Escola. Trabalharei pela sua manutenção. Estarei sempre em dia com minha contribuição social e hei de aumentar seu quadro social. Vou falar aos meus amigos; vou pedir que eles sejam nossos sócios. Quantas pessoas desconhecem minha CNEC? Quantos são indiferentes? (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, 306)

Logo era fundamental que os alunos Cenecistas se dedicassem a criação de Grêmios Estudantis e manutenção dos Centros Cívicos, agrupamentos esportivos e meios para manutenção do sentimento de comunidade entre os grupos de alunos que faziam parte das comunidades Cenecistas. Não poderiam deixar os dirigentes locais agirem sozinhos, mas que trabalhassem em colaboração com os mesmos na promoção de festas, reuniões que mantivessem vivas e viáveis economicamente as unidades Cenecistas.

Sendo assim, em um exercício de escrita institucional da própria Rede, a Campanha ainda advertia aqueles que fugissem de sua filosofia e abordava por qual caminho os alunos e professores não deveriam seguir, na escola não poderia haver:

a direção técnica descompromissada com os órgãos da educação estadual, o professor que não comparece à Escola, deixando a sala de aula para ouvir a partida de futebol, ouvir o rádio e ver o programa de televisão..., o aluno que não estuda, não participa da luta cenecista, não cumpre o Regimento Escolar. Todos os que faltam

aos nossos postulados, negam a CNEC. São peças extravagantes. E a organização sofre. Para que a CNEC cumpra seu programa, faz-se necessário que todos trabalhem, coesos, fraternizados nos mesmos ideais, irmanados nos mesmos objetivos (COLETÂNEA CENECISTA, 1994, p.297).

Portanto, tal qual São Paulo escreveu à comunidade de Corinto para que o corpo permanecesse unido, tendo em vista que somos muitos membros, mas um só corpo e quando um membro sofre todo o corpo sofre (1Cor 12, 12-26), a CNEC mergulhada em sua filosofia humanístico-cristã de educação resolveu escrever as suas comunidades para que todas tivessem determinada imagem do corpo que compunham, e afastassem delas mesmas tudo aquilo que as dissociassem do corpo, sendo um verdadeiro exercício de uma Escrita Institucional de si, motivada por relações de poder e saber, ligadas diretamente aos jogos de verdade e edificação de lugares de memória para si, ao apresentar tais conceitos e condutas por meio da Coletânea a CNEC pretendia inculcar e gerar identidades fixas e imutáveis que comungassem com seu ideal educacional e atendessem e defendessem os interesses da Rede onde estivessem.

## CONCLUSÃO

A CNEC através da publicação *Coletânea Cenecista* pretendeu fixar uma imagem de si historicamente, ela escolheu, em um exercício de escrita de si institucional como desejava ser lembrada pelo seus, apontando ao mesmo tempo, aquilo que deveria ser deixado de lado. Ao tecermos algumas reflexões sobre os discursos presentes na publicação da Editora Cenecista, tivemos a pretensão de problematizar as condições de funcionamento desses discursos, as amarras que estão atreladas a sua produção e que permitiram que fossem ditos dessa forma e não de outra, a obra é um acontecimento, portadora de um discurso singular sobre a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade se entrega a leitura, dá-se a leitura, os apontamentos feitos aqui foram alguns dentre muitos outros possíveis, de fato, no Campo da História das Instituições Escolares, a CNEC ainda é um capítulo por ser perscrutado em muitas vias, nessas páginas apontamos somente, singelas veredas a serem desbravados por outros olhares críticos.

Toda escrita de si é intencional e marcada pela intenção autobiográfica, nessas páginas tentamos escanear esse movimento não em um escrita pessoal, mas sim em uma escrita institucional produzida à muitas mãos, dando

destaque, por questão dos limites desse artigo, ao esforço da CNEC em tecer uma dada narrativa sobre si destinada as suas comunidades escolares, em especial alunos e professores, buscando assim questionar as evidências, desconstruir verdades tidas como naturais e postas desde sempre, a CNEC apresentanda enquanto um sujeito absoluto, quando na realidade se tratava de mais um sujeito possível entre muitos, que o que foi dito, foi dito no tempo e que portanto está permeado por teias de intencionalidade, de desejos e anseios de materialidade dos discursos lançados ao vento.

A narrativa da Coletânea Cenecista, foi apresentada de maneira linear, quase sem contradições, como uma história marcada pelo destino, o destino de um povo eleito rumo a uma sociedade libertada pela educação, liderada por seu líder Felipe Tiago Gomes, a história da CNEC aparece não enquanto uma construção, fruto de conflitos e embates, mas é tida enquanto drama da vida real, como se seu destino fosse esse desde sempre, seguindo assim, um traçado linear e determinado, na luta contra o esquecimento, na produção publicada pela Editora Cenecista, é premente a vontade de verdade, de definir esquemas, valorizá-los e defendê-los. Desse modo, se configurando enquanto uma fonte possível de muitas análises e problematizações e um campo na história da educação ainda pouco explorado.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vivian Galdino de. **Alfabetizando os Filhos da Rainha para a civilidade/modernidade:** o Instituto Pedagógico em Campina Grande (1919-1942). Tese de Doutorado. Centro de Educação. UFPB: João Pessoa, 2014. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4806?locale=pt\\_BR](http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4806?locale=pt_BR) Acesso em: 24 de dezembro de 2017.
- BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA. Editora Santuário, 2006.
- COLETÂNEA CENECISTA. CNEC Edições: Brasília-DF, Vol. I, 1994.
- COLETÂNEA CENECISTA. CNEC Edições: Brasília-DF, Vol. II, 1994.
- COLETÂNEA CENECISTA. CNEC Edições: Brasília-DF, Vol. III, 1994.
- COLETÂNEA CENECISTA. CNEC Edições: Brasília-DF, Vol. IV, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Traduzido por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Resumos dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Traduzido por Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Traduzido por Gizele de Souza. Revista de História da Educação. n.1 jan./Jun., 2001. (p.09-43). Disponível em: [file:///C:/Users/arthu/Downloads/273-846-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/arthu/Downloads/273-846-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 24 de dezembro de 2017.
- PINHEIRO, Antônio Carlos. **Grupos Escolares e Cultura Educacional:** Possibilidades de

Estudo Comparativo. Apresentando no Primeiro Colóquio Nacional de investigações comparativas em Grupos Escolares. São Luiz, MA: UFMA, 2007. Disponível em: <http://princípio.org/os-grupos-escolares-nas-memrias-e-histrias-locais-um-estudo-co.html> Acesso em: 24 de dezembro de 2017.

Data de recebimento: 06/01/2018

Data de aceite: 27/01/2018